

NITA FREIRE: HISTÓRIAS COMPARTILHADAS COM O MAIOR EDUCADOR BRASILEIRO E QUE NOS AJUDAM A COMPREENDER O MOMENTO ATUAL

NITA FREIRE: STORIES SHARED WITH THE GREATEST BRAZILIAN EDUCATOR
AND THAT HELP US TO UNDERSTAND THE CURRENT MOMENT

NITA FREIRE: HISTORIAS COMPARTIDAS CON EL MAYOR EDUCADOR
BRASILEÑO Y QUE NOS AYUDAN A COMPRENDER EL MOMENTO ACTUAL

Áurea Eleotério Soares Barroso*
haathor@uol.com.br

REVISTA PEDAGÓGICA

Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da Unochapecó | ISSN 1984-1566

Universidade Comunitária da Região de Chapecó | Chapecó-SC, Brasil

Como referenciar este artigo: BARROSO, A. E. Nita Freire: histórias compartilhadas com o maior educador brasileiro e que nos ajudam a compreender o momento atual. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 19, n. 42, p. 171-182, set./dez.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v19i42.3948>

Ana Maria Araújo Freire (Nita Freire) é mestre e doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), viúva e sucessora legal de Paulo Freire. Aos 83 anos de idade, trabalha intensamente, dedicando-se a organizar, publicar textos inéditos do Educador, e responde pela tradução de parte da obra do autor para diversas línguas. Nita Freire também colaborou em algumas obras de Paulo Freire, nas quais escreveu Notas importantes que ajudam o leitor a compreender mais profundamente os ensinamentos contidos nos livros. É autora de diversos livros de autoria individual, como “Nós dois”, publicado pela Editora Paz e Terra, em 2013. Neste livro, a autora reúne cartas, bilhetes, fotos que retratam a trajetória de encantamento de duas pessoas já na maturidade, ela com 54 anos e Paulo Freire com 65 anos de idade.

Entrevistadora – Professora, a senhora tem algum material inédito do professor Paulo Freire?

Nita Freire – Sim. Eu ainda tenho alguns materiais inéditos.

Entrevistadora – Esses materiais serão publicados?

Nita Freire – Sim. Como fiz nos livros que organizei depois da morte dele. Sempre com textos dele, comentários meus e organização minha também. Estarei na Bienal do Livro do Rio de Janeiro de 2017, lançando a segunda edição da biografia de Paulo que eu escrevi. Foram sete ou oito correções. Nós resolvemos tirar alguns documentos porque senão o livro ia ficar com setecentas e tantas páginas. Fiz algumas atualizações, acrescentei as homenagens que Paulo recebeu. Por exemplo: Patrono da Educação Brasileira e a anistia política dele, após a morte dele. Então, são coisas importantes que precisavam vir a público.

Entrevistadora – Como aconteceu a concessão da anistia ao professor Paulo Freire?

Nita Freire – Foi uma cerimônia muito bonita, durante um congresso de educação

* Pesquisadora e Professora Convidada do Departamento de Educação, Programa de Pós-Graduação em Ensino, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – CAMEAM

¹ Em entrevista concedida em sua residência, na cidade de São Paulo, no dia primeiro de agosto de 2017, Nita Freire fala sobre educação, anistia política, longevidade e enaltece alguns atributos do ser humano Paulo Freire.

profissional em Brasília. Havia 5 mil pessoas no Auditório Juscelino Kubitschek, da câmara, do senado, do congresso. Foi “uma coisa assim!”.

Entrevistadora – Foi um marco?

Nita Freire – Um marco! Eu diria até monumental. Foi algo muito importante. Essa homenagem em Brasília foi o pedido de desculpas do governo brasileiro, pedido de desculpas a Paulo e a todo o povo que teria sido alfabetizado no Programa Nacional de Alfabetização. Mas, por força do golpe militar, foi tudo partido, picado, destruído, não é? Então, houve esse pedido. Foi muito importante para mim, porque fui eu que pedi isso e porque, no dia, naquele momento de entrega do certificado de Paulo, o parecerista leu um longo parecer sobre a vida de Paulo. Eu mandei a biografia de Paulo para o conselho que iria deliberar se ele poderia receber a anistia ou não. Mas, no dia anterior da entrega da certificação, na véspera, de noite, uma das auxiliares do Paulo Abraão, que era o presidente da comissão foi ao hotel conversar comigo e disse: “Olha, você terá entre cinco e dez minutos para fazer o seu discurso”. Aí eu disse: “tudo bem!” e pensei: não vou passar a noite cortando o meu discurso que era para vinte minutos. Não vou. Pela primeira vez, eu enfrentei isso. Cheguei lá, e disse: “Olha, gente [para o auditório, para a mesa], eu fiz um discurso para 20 minutos, e ontem me disseram que eu só tenho dez”. E acontece o seguinte: eu vou cortando pedaços e vocês podem sentir em alguns momentos que o parágrafo não tem conexão com o outro, mas é por causa disso. Aí, começaram a gritar: “Lê tudo! Lê tudo! Lê tudo!” E o presidente Paulo Abraão disse: “Você tem os vinte minutos. Pode ler todo o seu discurso”. E aí o meu discurso foi ovacionado. Foi um discurso realmente muito bonito, que eu vou reproduzir agora em livro.

Entrevistadora – Professora, o Professor Paulo Freire era um filósofo da educação?

Nita Freire – Sim! Paulo era um filósofo da educação. Era um pensador filósofo da educação.

Entrevistadora – Um pensador do século 20, talvez um dos mais importantes do mundo, não é?

Nita Freire – Eu acho. É considerado. Paulo, em 2006, foi considerado, tanto por uma pesquisa nos Estados Unidos como por outra pesquisa, na Inglaterra, como o terceiro homem mais lido em Ciências Sociais. Ele é mais lido, em Ciências Humanas, Ciências Sociais. Ele é mais lido do que Marcuse, do que Foucault, do que Habermas. Todos esses.

Entrevistadora – A *Pedagogia do Oprimido* está em todos os continentes?

Nita Freire – Sim.

Entrevistadora – A *Pedagogia* da autonomia?

Nita Freire – Da autonomia? África não tem. Aliás, a *Pedagogia do Oprimido* também não tem na África.

Entrevistada – Mas tem em português. Podem ler lá.

Nita Freire – Só nas ex-colônias portuguesas. O que, aliás, é um pouco de engano, porque o povo dos países que se libertaram de Portugal não falavam português. Só falavam português na escola e nas instituições oficiais.

Entrevistadora – Era uma resistência?

Nita Freire – Sim. Foi uma forma de resistência. Paulo dizia: “Vai ser muito difícil alfabetizar em português, porque português foi a língua que eles negaram sempre. É a língua do opressor. Como é que nós vamos alfabetizar em português?” Por isso, que não houve o sucesso que eles lá esperavam.

Entrevistadora – O professor Paulo Freire achava que existia a possibilidade de alfabetizá-los na língua, no dialeto deles?

Nita Freire – Difícil, porque cada país desses africanos, às vezes, tem 20, 30 línguas nacionais. Paulo não chamava dialeto. Ele dizia que dialeto é um termo pejorativo. São línguas. Só que essas línguas não eram sistematizadas. Não existia nada escrito. Só tinha tradição oral. Então, deveria sistematizar os sons, as palavras, as sentenças, e aí compor os livros. Isso demandaria muitos anos. E eles tinham pressa de alfabetizar. Eles, então, optaram pelo português e o sucesso foi muito pequeno. Não houve um sucesso como eles esperavam no lugar.

Entrevistadora – Como surgiu a proposta de alfabetização formulada pelo professor Paulo Freire?

Nita Freire – Em 1956, Juscelino Kubitschek disse: “Como é que vou desenvolver o Brasil “cinquenta anos em cinco” se o povo é analfabeto, se não se adapta ao trabalho industrial?” Então, no segundo congresso de alfabetização se tratou muito seriamente da análise de porque os esforços anteriores não tinham dado certo. Todos os relatórios, de todos os estados, excluindo o de Pernambuco, todos diziam: é porque o adulto não se alfabetiza. Ele vem cansado do trabalho e de noite muitas escolas sem luz, muitas escolas improvisadas. Então ele, na casa do professor, na igreja, no salão da paróquia, em qualquer lugar, ele não tem capacidade de se alfabetizar. Então, Paulo levou o relatório dizendo que a questão era de metodologia, que teria de partir do que o homem e a mulher sabem e fazer a autopromoção daqueles que tinham se autodemitido da vida. Isso foi uma coisa absolutamente extraordinária, revolucionária. Eu até digo nos meus livros que Paulo ficou conhecido no Brasil a partir desse relatório de Pernambuco. Queriam até que ele fosse o relator do congresso, mas ele disse que era uma briga tão grande. Todo mundo quer ser relator. Paulo disse:

“Não, eu não quero não, não quero não.” Ele não entrava em uma competição jamais. Ele disse: “Não, não. Vocês estão fazendo questão que seja um de vocês; então, fica um de vocês. Para mim, está ótimo! O que vocês escolherem está ótimo!” Importante é que se faça uma alfabetização em termos diferentes da que nós fazemos. Bem, houve esse *boom* muito grande. Foi quando Paulo, então, começou em Pernambuco a fazer as experiências de alfabetização. E com a experiência de Angicos, em 1963, João Goulart, indo lá, ficou muito impressionado e solicitou do ministro da educação que convidasse Paulo para fazer um plano, um Programa Nacional de Alfabetização. Então, esse programa começou a se organizar.

Entrevistadora – Em Angicos, no Rio Grande do Norte?

Nita – Não, no Rio de Janeiro. Começou a se organizar no Rio de Janeiro quando já era Ministro da educação Paulo de Tarso. E, quando estava tudo estruturado, os estados que seriam os estados-piloto para a primeira experiência, seriam Sergipe, Pernambuco e Rio de Janeiro. Então, ocorre o golpe militar, que tira o Jango do poder e que fecha totalmente o Brasil. Foi uma ditadura pesada de 16 anos. Paulo precisou ir para o exílio. Ele foi para a Bolívia. Quando chegou à Bolívia, houve, 40 dias depois, um golpe lá. Aí, o novo presidente disse: “Não, o senhor fica!” E Paulo: “Não, muito obrigado, muito obrigado! Eu quero um salvo-conduto para eu sair daqui”. Então, já tinha gente farejando, auscultando se ele queria ir para o Chile.

Entrevistadora – Ele foi para o Chile?

Nita Freire – Sim, Paulo foi para o Chile. Quatro dias depois que chegou lá, já estava empregado.

Entrevistadora – Dando aula na universidade?

Nita Freire – Não, depois ele deu um pouco de aula. Mas, não foi um trabalho tão importante dentro da universidade. Importante foi o trabalho dele nas organizações de agricultores, não é? Conforme ele relata no livro *Extensão ou Comunicação*. É muito importante esse livro.

Entrevistadora – Por que foi importante?

Nita Freire – Porque esse livro tem ensaios que ele escreveu para os educadores do homem do campo. É muito bonito. Muito bonito o livro, muito importante. E, segundo o professor Vinícius Lima, da Universidade de Brasília, é o livro mais importante sobre teoria da comunicação até os dias de hoje. Paulo escreveu isso em 1967.

Entrevistadora – O professor Paulo Freire era um visionário?

Nita Freire – Paulo foi um visionário. Paulo viu, naquela época, coisas que estão acontecendo agora.

Entrevistadora – Professor Paulo Freire compreendia a educação como um ato político?

Nita Freire – Isso! Em princípio, Paulo já tinha imbuído na sua prática isso, que era um ato político. E ele entende muito bem isso quando há o golpe e não é possível mais esse programa que conscientiza ao alfabetizar. Então, quando ele chega ao Chile, começa a pensar. Ali ele proclama, ele declara: a educação é um ato político, que já foi constatado da prática brasileira, não é?

Entrevistadora – Professora, não observamos um decréscimo acentuado do analfabetismo entre os idosos, no Brasil. Na cidade de São Paulo, há mais de 80 mil analfabetos idosos. Em Alagoas, mais de 50% das pessoas idosas são analfabetas. Como estudiosa dessa temática, como a senhora vê essa questão?

Nita Freire – Eu vejo o seguinte: por que houve sucesso nos programas que Paulo fez? Por quê? Porque ele engaja os sujeitos na sua realidade. Parte da realidade. As palavras dos programas de alfabetização, em Recife, em Angicos, no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul, em Brasília, que ficaram mais famosas, eram palavras e contextos que eles viviam. Então, não eram prontos. Vamos dizer, a “cartilha” que se produzia eram frases e pensamentos daquele grupo, entende? Você pega uma cartilha: “Eva” viu a uva, E, como Paulo diz, naquele tempo, não existia no Brasil esse nome. Pouquíssimo, no Brasil, e no Nordeste não encontrava nunca ninguém chamada Eva. Nunca encontrei em toda minha vida, lá, uma pessoa com o nome de Eva.

Entrevistadora – Francisca, não é?

Nita – Muito! Francisca. Minha mãe era Francisca. Severina, Maria das Graças, Maria da...

Entrevistadora – É verdade.

Nita Freire – E uva também não tinha. Porque ainda não existia plantação de São Francisco. Paulo dizia e acontecia a mesma coisa com meu pai. Tinha numa barraquinha, numa rua, uma travessa numa rua nova, que tinha uns fruteiros, que vendiam frutas. Então, vendiam sapoti, manga, mamão. E tinha alguns que vendiam uva, maçã e pera. Isso era uma coisa extraordinária. Então, quando o filho estava doente, e o pai queria fazer um mimo, um agrado para ver e o seu filho melhorava, ia sempre à cidade e comprava aquele cacho de uva, pera e maçã. Quer dizer, uva não era do conhecimento de ninguém que vivesse pelo interior. De ninguém! Então, você alfabetizar: “Eva viu a uva” é o mesmo que pegar uma frase em inglês ou japonês e querer alfabetizar. É impossível! Paulo era um homem conectado com o mundo.

Entrevistadora – Conectado com tudo?

Nita Freire – Sim, tudo. Tudo o que instigava Paulo, ele ia refletir: porque era assim, não era de outro jeito. Entende? Sempre preocupado com a interpretação; quer dizer, com a leitura do mundo.

Entrevistadora – Para servir, para educar?

Nita Freire – Sim. Isso era uma coisa extraordinária. Para educar! Ele dizia que nós temos de transformar este mundo feio, não democrático, num mundo bonito, onde seja possível amar.

Entrevistadora – Professora, o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) oferece curso de licenciatura para professor em exercício da Rede Pública estadual e municipal de ensino, que não tem formação adequada à LDB nº 9394/1996. Na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, no Campus Avançado “Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia” (CAMEAM) participam do PARFOR professores que lecionam em dezenas de municípios de pequeno porte localizados na região do Alto Oeste Potiguar. O que senhora pensa dessa iniciativa?

Nita Freire – Eu conheço essa realidade. Acho que, em qualquer idade, é idade de voltar a estudar. Não é? Eu mesma tinha estudado quando solteira, feito o curso médio, e depois estudei dois anos de engenharia. Depois me casei. Vim morar em São Paulo, e não consegui naquela época transferência. Não havia essa facilidade. Então, eu abandonei. E fiquei cuidando de marido, de casa e de filhos. Quando eu tinha 40 anos, realmente eu não suportava mais ficar só nas prendas domésticas. Então, eu retornei à faculdade. Então, eu digo: vou voltar a estudar! Mas eu não vou voltar a estudar engenharia. Eu vou estudar pedagogia. Meu pai vivia a vida inteira em frente, dentro do colégio. Ali era uma simbiose, a escola do meu pai, o colégio. Eu acho que em qualquer idade as pessoas devem voltar a estudar. É até uma coisa muito bonita você superar aquela cotidianidade muito mecânica, a repetição do trabalho doméstico e fazer outra coisa que contribui para sua alegria e para a alegria daqueles que podem usufruir desse momento e que engrandecem o país também. Então, é muito importante que pessoas que estavam ensinando porque tinham algum saber também questionem: O que eu faço? Faço uma coisa só para mim ou faço para os meus alunos? E assim, vamos dizer, possam ir disseminando o pensamento crítico, que está fazendo tanta falta nos dias de hoje. Esse pensamento crítico que analisa a realidade do nosso país.

Entrevistadora – Professora, a senhora e o professor Paulo Freire conviveram durante toda a vida?

Nita Freire – Sim, porque ele começou a estudar no colégio do meu pai. Eu não tinha nem cinco anos ainda.

Entrevistadora – O professor Paulo Freire estudou na escola do seu pai?

Nita Freire – Sim. Certa vez, ele disse ao meu pai: “Estou estudando gratuitamente, mas eu quero dar alguma coisa mais. Me manda ao correio, me manda limpar as salas”. Meu pai disse: “Não, nada disso, Paulo. Você vai ajudar na

disciplina do colégio”. Então, me lembro de Paulo nesse tempo. Sempre aquela pessoa carismática. Uma pessoa que sempre admirei muito.

Entrevistadora – Sempre estiveram próximos de algum modo?

Nita Freire – Sim! Paulo, casou-se. Alguns anos depois, eu me casei também. Então, durante o tempo em que o Paulo deixou de ser aluno, todo sábado ou domingo ele ia visitar meus pais. Todos, todos, todos. E, depois, ele ia com Elza, sua primeira esposa. Então, eu me lembro dos dois sempre juntos, lá. Sábado e domingo. Sábado de tarde ou domingo de manhã, estavam os dois visitando meu pai. Quando eu tinha 22 anos, eu me casei e vim morar em São Paulo. Então, eu encontrava Paulo no fim de ano, quando eu ia com meu marido, Raul, e os meus quatro filhos. A gente tomava um automóvel aqui, um automóvel que a gente tinha, e íamos até o Recife. Uma viagem pesada! Nós fomos três vezes assim, três verões. E sempre encontrava Paulo na casa de meus pais. Meus pais mudaram para uma casa que ficava próxima da faculdade em que Paulo dava aula. Ele sempre passava e tomava uma sopa, e depois ia dar aula. Nesse tempo, eu não morava mais lá; mas, ele foi muito presente na vida dos meus pais.

Entrevistadora – Que história bonita!

Nita Freire – Muito bonita! Quando um irmão meu morreu por uma bala – não sei se foi uma bala perdida –, em frente de um restaurante, foi uma tragédia na nossa família. Uma tragédia para todos nós, irmãos, e para meus pais, não é? Uma coisa pavorosa! Até hoje, a gente sente muito. Isso foi em 1962... Para você ter ideia! E nesse tempo, então, Paulo foi a pessoa que foi me buscar no aeroporto para eu ir ao enterro. A partir desse dia, até fazer um ano de morte, ele ia todos os dias à casa de meus pais. Todos os dias.

Entrevistadora – Ele passava esse amor para as pessoas?

Nita Freire – Sim. Passava um amor muito grande. Então, Paulo foi sempre uma pessoa importante na vida de minha primeira família e na minha também.

Entrevistadora – O professor Paulo Freire usava uma palavra pouco conhecida: boniteza, não é? Parece que até ele a chamava, às vezes, de boniteza, não é isso? Eu já ouvi essa história.

Nita Freire – Sim. Estou organizando um livro, para 2019, *A Leitura da Palavra Boniteza em Paulo Freire*. Essa palavra existe no dicionário; mas, o brasileiro não a usa com frequência. Então, foi o seguinte: quando nós começamos o namoro, um querer bem, ainda um lá, o outro cá, ele me telefonava e dizia assim: como é que vai a minha boniteza?

Entrevistadora – Isso já na maturidade.

Nita Freire – Sim. Paulo com 65 anos, eu com 54 anos.

Entrevistadora – A sua convivência junto com o Professor Paulo Freire parece ter sido muito interessante.

Nita Freire – Muito! A minha vida a partir de Paulo criou uma significação maior, porque eu fui sempre companheira dele. Eu vejo as cartas que escreviam para ele: era Dr. Paulo, depois embaixo: recomendações a excelentíssima senhora esposa... Era assim, e depois, engraçado, autoridades do mundo inteiro escreviam “Nita e Paulo”, “Paulo e Nita”, não é? Já começavam a me chamar pelo apelido que eu não era conhecida, mas Paulo me chamou Nita porque era apelido da minha infância quando ele convivia lá. Eu sou Ana Maria. E foi ele que me fez conhecida como Nita.

Entrevistadora – Foi um encontro de almas?

Nita Freire – Sim. Foi um encontro de almas, de sensualidade, de sexualidade. Tudo isso nós vivemos muito intensamente. E é uma coisa fantástica quando você se entrega, como eu disse a Paulo. Isso é muito bonito! Eu sei que a minha presença na vida de Paulo foi muito importante ou ele não teria escrito os sete últimos livros dele. Não teria escrito e mais três ou quatro que eu organizei.

Entrevistadora – O amor na maturidade também pode ser interessante mesmo.

Nita Freire – Não é? Então, ele começava: Minha boniteza. E nas cartas, nos poemas que ele escreveu, que estão no livro que organizei: *Nós Dois*. É muito bonito esse livro, porque tem cartas dele, tem cartas minhas, tem contos que eu escrevi sobre as coisas curiosas de Paulo, lá de menino dele, entende? Ele se escondia atrás da porta e assoviava para eu procurar. Essas coisas! Então, voltando a essa coisa de boniteza: ele telefonava e me chamava de boniteza. Nesse livro que eu pretendo publicar, já está falado para publicação em 2019, é quanto ao significado de boniteza para diversas áreas. Entende? Para a área de Epistemologia, para a área de Filosofia, a área de Linguística e assim por diante. Eu já tenho vários especialistas convidados para escrever, e eu escrevi a parte histórica. Eu digo que Paulo introduziu isso na literatura pedagógica me chamando de minha boniteza. E aí, depois que nós já estávamos casados, é a primeira vez que ele fala num livro. É até um pequeno artigo que saiu num livro organizado pelo pessoal do Programa de Pós-graduação em Educação: Currículo da PUC-SP e Paulo fala na boniteza da educação. Que a boniteza é um ato ético e político da educação. Ele partiu dessa coisa de me chamar boniteza e ultrapassou.

Entrevistadora – Foi além!

Nita Freire – Exatamente. Eu seleciono em todos os livros de Paulo quando ele fala em boniteza e transcrevo o parágrafo. Eu acho que será uma grande contribuição.

Entrevistadora – O professor Paulo Freire estaria nonagenário, hoje. Ele falava algo sobre a maturidade da vida? Velhice, longevidade?

Nita Freire – Eu vou te dizer uma coisa: Paulo falava muito dessa maturidade maior, quer dizer, chegar a ser nonagenário, como diz você, como um tempo muito incerto. Um tempo muito incerto. Ele dizia: Se eu vivo tanto, eu posso chegar com muita lucidez, mas eu posso perder a lucidez. Eu acreditava que Paulo ia viver muito e ia viver sempre com lucidez. Porque um homem com 75 anos, que escreveu *A Pedagogia da Autonomia*, que eu acho que é uma das obras-primas dele, ao lado da *Pedagogia do Oprimido*, eu não acreditava que fosse perder a lucidez em momento nenhum.

Entrevistadora – Professora, a expectativa de vida aumentou no Brasil nas últimas décadas...

Nita Freire – É verdade. Paulo dizia uma coisa assim, ele gostava de brincar: “Eu acho uma coisa incrível, incrível. Eu sou mais velho do que meu pai”. Porque o pai dele morreu com 54 anos e ele já tinha 70 e poucos anos. Eu sou mais velho do que meu pai. Então é isso, quer dizer, as gerações vão vivendo mais. Hoje a gente vê que as pessoas morrem com mais de 70 anos. Eu estou aqui de prova, estou com 83 anos de idade.

Entrevistadora – O professor Paulo Freire falava algo sobre a importância do diálogo entre gerações?

Nita Freire – Sim. Refletiu essa questão em sua obra. Ele sempre achou que precisava existir o diálogo entre gerações. E ele fez o diálogo entre gerações. Procurou fazer com os netos. Fez muito nas escolas, com os alunos e ouvia. Paulo sabia o que dizer, o que perguntar para alunos de escola primária. Ele tinha muita facilidade. Muita facilidade para ir ao encontro do outro, porque ele sempre respeitava o outro na diferença. Isso lhe deu uma possibilidade de diálogo muito grande. Paulo nunca me disse: “Eu quero que você faça!, você tem que fazer!”. Nunca.

Entrevistadora – Respeitava a sua liberdade.

Nita Freire – Sim, muito.

Entrevistadora – O livro *Pedagogia do Oprimido* não foi publicado inicialmente no Brasil.

Nita Freire – Exatamente. Porque aqui no Brasil não podia, era o tempo do Médici. Paulo era proibido de ser mencionado nos jornais. Então, ainda hoje observo essa situação. Quando Paulo recebeu o título na Universidade de Bolonha, pelos 900 anos da Universidade, isso não foi noticiado no Brasil. A Rede Globo não noticiou; mas, 15 dias depois, um grande escritor russo ganhou o título também de Doutor *Honoris Causa* em literatura. A cerimônia foi igualzinha, nós vimos na televisão. Mais de cinco minutos de notícia no Jornal Nacional! Uma coisa assim longa,



muito longa. E 15 dias depois foi a vez de Paulo, e dele não foi noticiado; então, ainda existe um bloqueio.

Entrevistadora – O que mostra a importância do seu trabalho.

Nita – Sim. Daí a importância de eu estar falando, de eu estar publicando. Eu estou atenta, não é? Saiu agora, eu ainda não recebi, o livro de Paulo que é *Pedagogia da Autonomia*, que saiu na língua sérvia. Mandaram me pedir. Eles podiam pagar muito pouco. Eu disse para minha advogada: “O que eles propuserem você aceita”.

Entrevistadora – Em hebraico tem; não é, professora?

Nita Freire – Tem em hebraico. Em iídiche também tem. Tem em árabe, em muitas línguas.

Entrevistadora – O professor Paulo Freire estaria triste com o Brasil de hoje, não é mesmo?

Nita Freire – Com esse desmando. Com essa entrega nossa como um prato feito para a direita, não é? Então, seria uma questão de uma tristeza profunda, não só porque ele viveu 15 anos com a vida tão restrita, sem documento, sem passaporte. Ele tinha salvo-conduto dos países que o alojaram. Então, é uma questão, seria uma questão muito triste para ele pessoalmente, dizer: lutei tanto, sobrevivi a um exílio muito custoso.

Entrevistadora – Até a saúde dele ficou fragilizada, não é?

Nita Freire – Muito. Muito. É, ficou fragilizada porque ele trabalhava muito e fumava também. Trabalhava muito, dormia pouco, tinha uma ansia de colaborar com o mundo. Então, hoje, Paulo estaria triste, não só por esse lado pessoal dele, mas ele estaria triste pelo Brasil mesmo. Por todas as pessoas que sofreram exílio ou tortura, morte, não é? E que tem consequências até hoje. As clínicas de testemunho, como se chamam, são uma terapia para as pessoas que não conseguiram retomar a vida na sua plenitude.

Entrevistadora – Professora, a sua reflexão, a sua interpretação sobre o conceito freireano de “inédito viável”, para mim, é preciosa.

Nita Freire – Obrigada. Paulo já tinha dito algumas vezes: “Eu acho que vou pedir para você escrever algumas coisas contextualizando momentos da história do Brasil porque eu não quero mais fazer isso”. Estava concentrado na questão da Epistemologia mesmo, então, essas coisas históricas eu acho que você poderia fazer. Tinha falado alguma vez ou outra; assim, muito superficialmente. Depois, lendo e pensando, eu disse: “Paulo, eu quero falar não só dos momentos históricos, mas acho que eu quero explicar o inédito viável. Aí ele disse: “Faça isso!”. Então, era assim: eu escrevia e mostrava para ele; depois lia, para ele. Praticamente todos ele aprovou como eu tinha escrito, e esse de “inédito viável” ele achou sobremaneira fantástico.

Fantástico! Você acredita que dois filósofos de Genebra – duas pessoas que têm o pensamento reflexivo, quando o livro foi publicado em francês, inglês, lendo *A Pedagogia da Esperança* –; Então, dois escreveram para Paulo dizendo: “Paulo, esta sua mulher é extraordinária!”. Eu também acho preciosíssimo esse conceito.

Entrevistadora – As Notas ajudam o leitor a compreender mais profundamente os ensinamentos contidos nos livros. Nita Freire – De fato. Sucintamente tem uma abrangência grande dos fatos históricos mais importantes, os que marcaram época, daqueles de toda nossa história.

Entrevistadora – A senhora trabalha intensamente, não é mesmo?

Nita Freire – Sim, trabalho muito. Eu estou com 83 anos, e acho muito compensador, para mim, ficar envolvida, dia e noite, pensando em Paulo, fazendo as coisas para o colocar no lugar em que ele merece. Eu digo: Paulo tem que ter por inteiro as coisas que ele merecia. As coisas que os brasileiros que viveram fora deveriam ter: anistia e o reconhecimento de que ele foi e continua sendo o maior educador do Brasil. E possivelmente o maior educador do mundo.

Entrevistadora – Como a senhora se sente neste momento da sua vida?

Nita Freire – Eu me sinto muito bem, cuidando de um patrimônio riquíssimo, que pode mudar e que tem mudado muita gente. E assim pode mudar a sociedade, não é? Então eu acho isso, para mim, uma coisa superimportante que Paulo me deixou. Antes vem o patrimônio da vivência pessoal, íntima, de homem e mulher. Isso foi uma coisa absolutamente fantástica que eu recebi. Eu dando a ele e ele me dando, não é? Quer dizer, nós tivemos uma troca de companheiros. E de amizade, de fascinação, de admiração, de cumplicidade.

Entrevistadora – Muito obrigada, Professora, pela entrevista! Sei da importância da sua atuação profissional e da contribuição para educação do professor Paulo Freire. Humildemente, agradeço!

Nita – Muito obrigada por essa adesão tão carinhosa que vem do coração a mim e, sobretudo, a Paulo!

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia** – saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Recebido em: 14/09/2017

Aprovado em: 31/10/2017